

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA

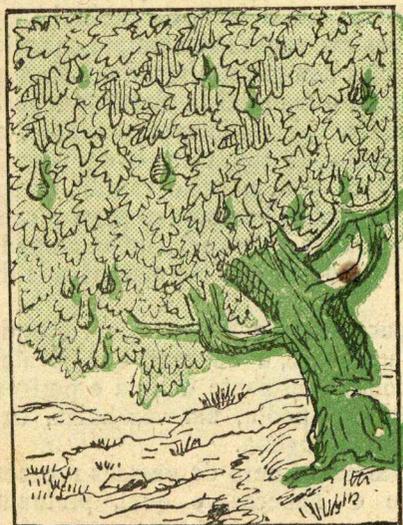
# AS DUAS FIGUEIRAS

■ ■ POR LAURA CHAVES ■ ■

**A** O chegar o mês de Julho, a figueira do pascigo, impava cheia de orgulho, porque tinha tanto figo que era uma coisa falada no reino da passarada.

A troça que ela fazia duma pequena figueira que junto dela vivia; tão fraquinha, tão rasteira, que até mesmo sem arrimo, qualquer lhe chegava ao cimo.

Tinha uns míseros figuinhos, mal nascidos, mal cuidados, destes muito sériozinhos que nunca riem, coitados! Por isso, a sua fraqueza, aos bons causava tristeza.



Na outra, na grande, ao lado, cada fôlha era um abrigo onde, gordo, alegre e inchado, morava um menino figo que, abrindo bocas vermelhas, ria, chamando as abelhas.

Pois tôdas as madrugadas aumentava essa alegria... Eram novas gargalhadas em cada figo que abria! Então, a tola figueira dizia à outra, à rasteira:

— Vejam se alguém faz idea de haver neste mundo um ente como tu, pobre e tão feia! Tão-fraquinha, tão doente! Se o demónio te levasse! És a vergonha da classe!

Os teus figos são pequenos, os meus, são lindos, reais! Tu, cada vez vives menos, eu, cada vez vivo mais! E' contrária a nossa sorte, eu sou vida e tu és morte!—

A triste, ouvindo-a, pensava: — Ai, se igual a mim tu fôsses! — e caladinha, chorava lágrimas de mel, tão doces, que, com dó, os passarinhos as colhiam nos biquinhos.



Depois disto, a doentinha, cheia de melancolia, pôe-se sequinha, sequinha, e morreu no mesmo dia em que a outra, a má a bruta vergando ao peso da fruta,

dos figos que ela criou à sombra do seu orgulho não pode mais, e, quebrou, fazendo enorme barulho, e em tremenda convulsão foi cair morta no chão.

Que êste conceito se tome tal qual é, verdade dura! Tanto faz morrer de fome como morrer de fartura. Nesta Vida, o que é preciso, é ser bom e ter juízo, porque com ou sem larica todos marcham, ninguém fica.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■

# O MENINO MEXELHÃO

Por GRACIETTE BRANCO

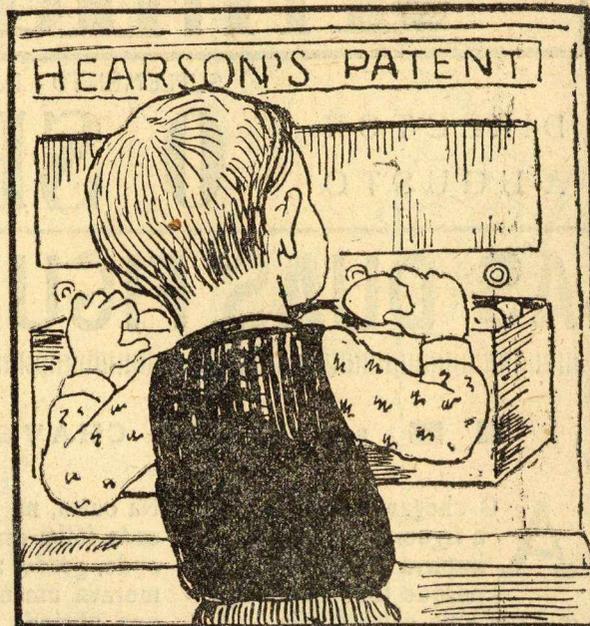
**T**ODOS os dias, o Tonecas era ásperamente repreendido pelo feio hábito de, em tudo, mexer, dando, assim, a impressão de ter os olhos nas pontinhas dos dedos.

Em tão pequeno cérebro nunca se vira imaginação tão fértil mas, infelizmente, sempre posta ao serviço de disparatadas idéas, que faziam tremer as pessoas da casa. O Tonecas levava as horas do dia a magicar no que havia de remexer, no que havia de profundar, de investigar, de agir... E o resultado como é de prever, era, fatalmente, desastroso.

Um dia meteu-se-lhe em cabeça que havia de entrar no mistério da chocadeira artificial, e zás! enterra as mãos gorduchas no oceano de ovos, meticulosamente dispostos, tirando-os, em seguida, para fora, com uma alegria e prazer indiscriptíveis! O resultado está a adivinhar-se: esmigalhou-os todos, ficando com as mãos a pingar de clara e gema.

Por outra vez — e esta foi, talvez de todas, a mais perigosa e emocionante aventura da vida de Tonecas — estava êle, na companhia da Miss, na estação do Rossio, aguardando o comboio que o levaria às doiradas e frescas paragens de Sintra. Ora como o Tonecas não podia estar muito tempo sem fazer qualquer coisa e, precisamente, qualquer asneira, logo começou magicando em que havia de empregar as horas que faltavam para a sua partida. A Miss havia-se afastado um pouco em alegre conversa com duas esguias e excêntricas compatriotas e o Tonecas, vagarosamente, foi-se aproximando do comboio que, já na estação, aguardava a entrada de passageiros.

Porém, o Tonecas não se dirigia às carruá-



gens, mas sim à pequena cabine destinada ao maquinista do elegante comboio.

Por felicidade para o Tonecas, a porta encontrava-se, apenas, encostada e, num instante, êle se viu em frente dos diversos e complicados manípulos que, a um impulso seu, rapidamente poriam o comboio em marcha.

Pelo cérebro de Tonecas, súbitamente, passou uma idéa deslumbrante: — o comboio marchando, guiado pelo seu pulso, obedecendo ao seu comando!

Já os passageiros enchiam as carruagens, aguardando a partida, quando, de repente, o comboio, deslocando-se, começou a andar em vagaroso andamento.

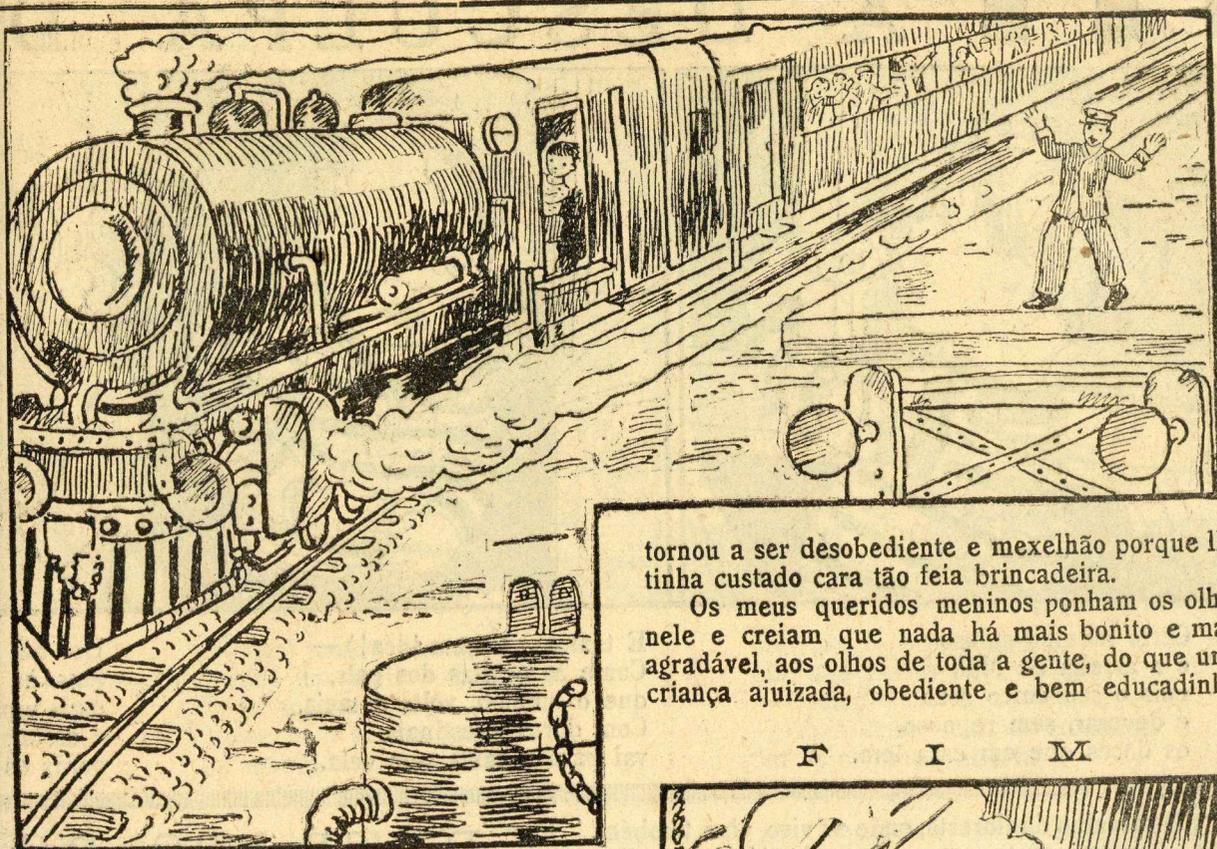
Não pode descrever-se o pânico do pessoal da estação, sobretudo do maquinista, que, irreflectidamente, deixara aberta a porta da cabine!

A's janelas das carruagens assomaram os rostos surpresos e aflictos dos passageiros, quando, num salto arrojadíssimo, o maquinista alcançou a porta que dava acesso à cabine, indo surpreender, no mais feliz momento da sua vida, o endiabrado Tonecas! Afastando-o num gesto rápido, da sua perigosa função, o pobre homem fez parar o comboio, caindo, extenuado, sobre um banco e olhando, raivosamente, o pequeno, que tão mau bocado lhe fizera passar.

Gritando, loucamente, a Miss entrou, correndo, e levando, por um braço, o Tonecas, que, já atordado, e um pouco consciente da feia e perigosa acção que praticara, pediu, em voz baixa, desculpa, à esgrouvlada inglesa.

Na gare, grande numero de pessoas repreendeu duramente o Tonecas, o qual, profunda-

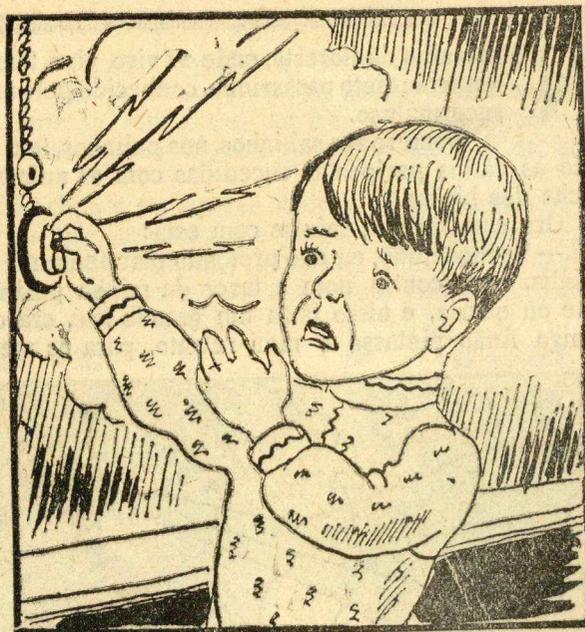




tornou a ser desobediente e mexelão porque lhe tinha custado cara tão feia brincadeira.

Os meus queridos meninos ponham os olhos nele e creiam que nada há mais bonito e mais agradável, aos olhos de toda a gente, do que uma criança ajuizada, obediente e bem educadinha.

F I M



mente envergonhado e arrependido, quizera desaparecer das vistas de todos.

Muito tempo perdurou no espírito de Tonecas, a impressão desagradável desta aventura, que poderia ter custado a vida a muita gente.

Porém, passado algum tempo, deu-se um outro caso na sua vida acidentada que determinou a eficaz mudança no seu modo de ser.

Havia em sua casa, um interruptor de electricidade, que estava avariado, com as porcelanas caídas e em evidente perigo de choque. Já, por vezes, o Tonecas havia sido avisado para que não lhe mexesse, porque o choque seria inevitável e bastante forte. O Tonecas não fez caso e, de repente, um grande berreiro, um alarido medonho, os pais e a criadagem a correr, e o nosso Tonecas, num banho de lágrimas, com os deditos adormecidos e o braço todo a tremer.

O caso é que, desde então, o Tonecas não

## O nosso concurso: — Uma Vila completa

Conforme anunciámos, damos hoje a lista dos prémios relativos ao nosso original concurso: — Uma Vila completa, cujo prazo para recepção de provas fotográficas termina, irrevogavelmente, no próximo dia 20.

1.º PRÉMIO

*Se o concorrente fôr uma menina*  
Uma linda boneca

*Se o concorrente fôr rapaz*

Um grande cavalo de pasta

2.º PRÉMIO — Uma máquina fotográfica.

3.º PRÉMIO — Um serviço para chá, em folha, ou uma caixa com soldados

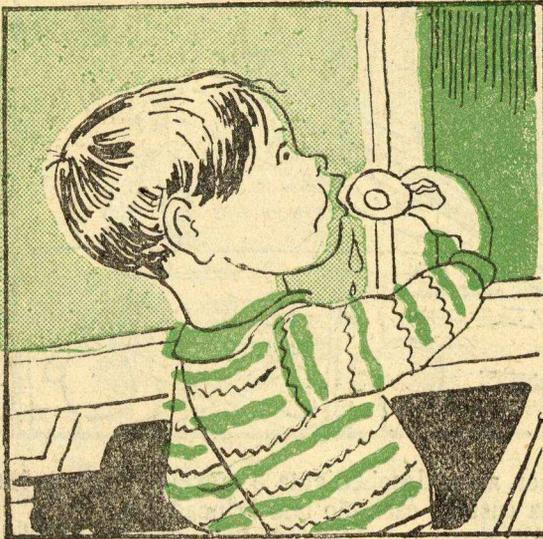
*conforme o concorrente fôr menina ou rapaz.*

4.º PRÉMIO — Um lindo jogo infantil

5.º PRÉMIO — Uma colecção de livros infantís

6.º PRÉMIO — Outra colecção de livros infantís.

# A DESCULPA DO



Certo menino guloso  
é a arrelia da Mãe,  
pois o seu único gozo  
é devorar, sem repouso,  
os doces que em casa tem.



E tantos — (façam idéa!) —  
Come às ocultas dos pais,  
que o menino, volta e meia,  
Com dôres intestinais,  
vai para a cama sem ceia.



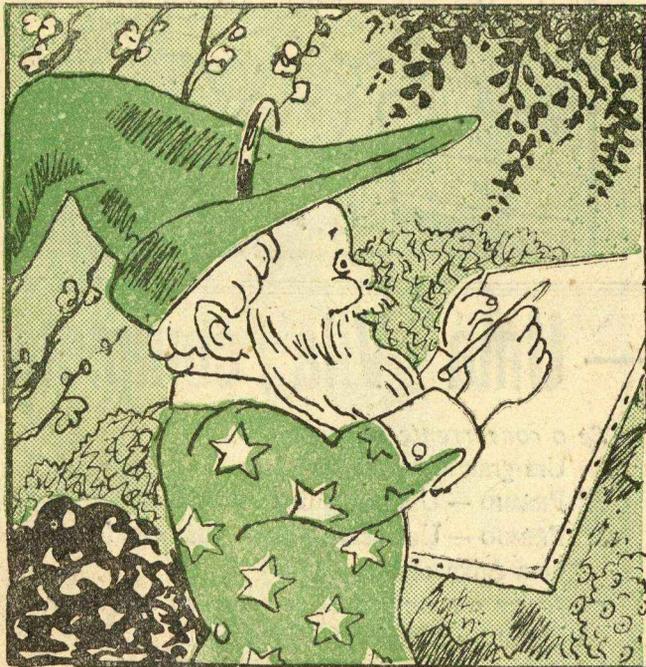
Um dia a mamã angó  
pois, às ocultas dos pa  
mais uma vez lan buzo  
e assim ralhou: — «Nun  
porás os olhos num dô

**N**O carvalho da floresta, onde eu vivo, vive, também,  
um irrequieto passarinho, conhecido pelo melharuco maluco.

Sempre aos saltinhos, aos pulinhos, tem assistido às várias peripécias sucedidas com os animais da bicha dos bichos.

Ora uma manhã, saiu-se com esta:

— Senhor Anão, eu não pretendo piar nenhuma palavrinha, nem contra nem a favor da minha posição; o que eu queria, e nisso fazia um grande filé, era que o amigo Anão pintasse o meu retrato, para os meninos



# O RETRATO DO MEL

Por ANÃO SA

me admirarem! Com certeza, vou fazer um vistão no «Pim-Pam-Pum».

— Se estiveres com juízo, farei a diligência de satisfazer a tua pretensão! Precisamos um fundo bonito para o quadro... e comecei a colocar o melharuco maluco num ramo de folhagem escura, que o sol doirava.

— O conjunto, assim, é, na verdade, encantador! Tenta o pincel dum artista! A tua plumagem é dum lindo azulado! O melharuco maluco começou a alisar as penas, a dar ao rabinho, todo presumido e a balouçar-se no ramo.

— Tens de estar quieto! — disse-lhe eu, começando a desenhar.

— Está bem! — respondeu o passarinho, agitando e voltando a cabecita, constantemente.

— E deves conservar uma expressão alegre. Não podes pensar em qualquer coisa divertida?

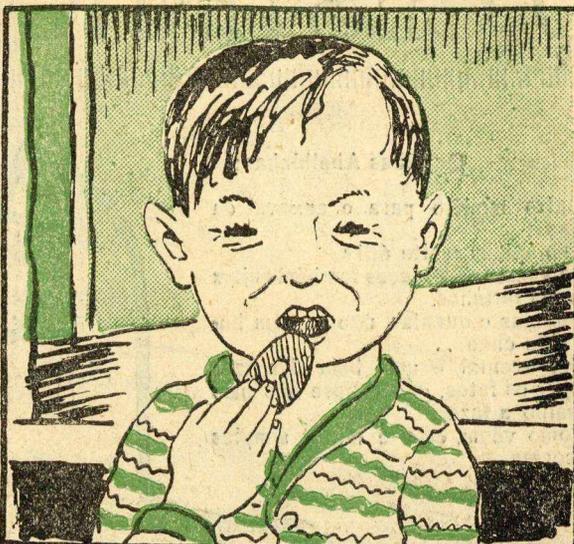
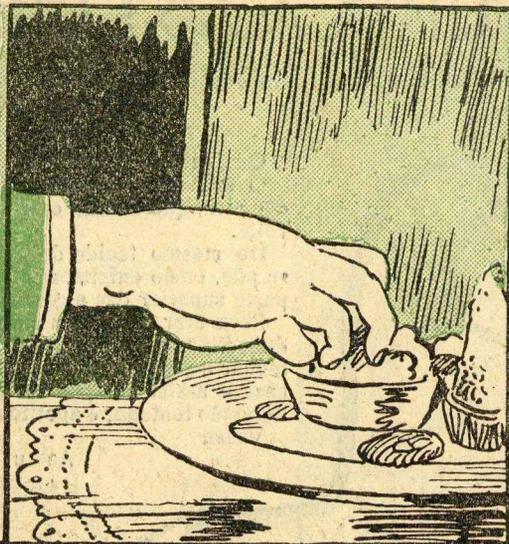
— Cá estou pensando numa coisa deliciosa. Posso mesmo vê-la agora! — gritou o melharuco maluco muito influído. É um mosquitinho que está naquele bogalho. Se parares um minuto, posso até apanhá-lo.

E, sem esperar pelo meu consentimento, voou para o outro lado do carvalho. Trepou por um ramo acima, com o bico agarrou no mosquito e enguliu-o.

Quando voltou, vinha com as penas todas eriçadas.

N. da R. — Por lapso da distribuição, este conto devia ter sido publicado em outra edição. Entretanto, relevem-nos os nossos pequeninos leitores e a sua ilustrator

# MENINO GULOSO



... angou-se,  
... dos pais,  
... buzou-se,  
... «Nunca mais  
... num doce!»

Porém, noutra ocasião,  
vendo um prato com pastéis,  
o tal menino glutão  
come nem menos que seis  
e apanha uma indigestão.

«Eu não te disse, mofino,  
que não devias nem vê-los?!...»  
— torna a mãe. Volve o menino:  
— «Pois disse; mas, ao comê-los,  
fechei os olhos. Sou fino!

# MELHARUCO MALUCO

## O SABICHÃO

— Assim, não te posso pintar, meu figurão! — resmunguei, mal humorado.

— Primeiro, torna a alisar as penas!...

— E' um instantinho!... E' um instantinho!... E desatou a alisar outra vez as peninhas e tornou a pôr a cabecinha ao lado, numa linda atitude.

Mas, nisto, quando eu, já de lápis em punho, começava o desenho, dou com ele pendurado pelos pés, e de cabeça para baixo.

— Então isso é posição para um retrato? — resmunguei, exaltado.

O melharuco maluco, pôs-se logo de pé.

— Pronto, amigo Anão! Sabes porque dei esta cambalhota? Calcula tu, que está, ali, em baixo, uma borboleta que me faz fosquinhas! Olha, lá vem ela, agora, para cima! Podes muito bem esperar um minuto, enquanto eu vou ver se a alcanço.

E, alvorçado, fugiu, outra vez, saltitando de tronco em tronco.

Mas a borboleta é que não se deixou agarrar com facilidade.

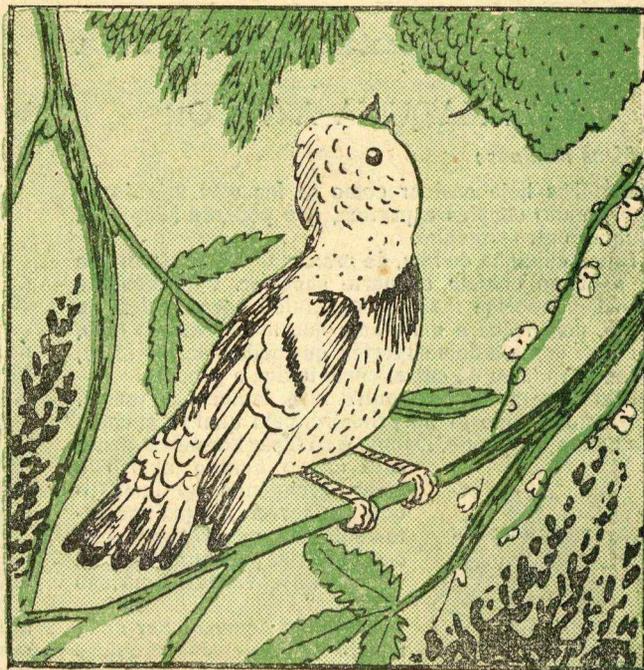
Viu o melharuco maluco a distância, e começou a esquivar-se com tanta habilidade, que conseguiu sempre safar-se a tempo.

Na fúria daquela perseguição, o melharuco maluco, com os pézinhos irrequietos, ia arrancando folhas tenri-

nhas dos ramos, bogalhos e hastes dos troncos; deu cabo de lindas teias de aranha que espalhavam a sua rede entre a ramaria, e, por fim, num vôo desastrado, caíu sôbre a tela do seu retrato e furou-a, de lado a lado!

Enquanto o melharuco maluco olhava, desolado, os estragos que produzira e a borboleta já pousara numa árvore muito afastada, eu desatei a rir da maluquice do passarinho que esperara fazer um vistão e só fizera uma bem triste figura!

F I M



... publicado antes do anterior. Não há, contudo, prejuízo no entrecho, ... tura a involuntária falta.



# CONCURSO DE CHARADAS

PARA OS MENINOS COLORIREM

POR AMÉRICO TABORDA

## DECIFRADORES

Classificação geral por pontos decifrados

### CAMPIÕES «EX AEQUO»

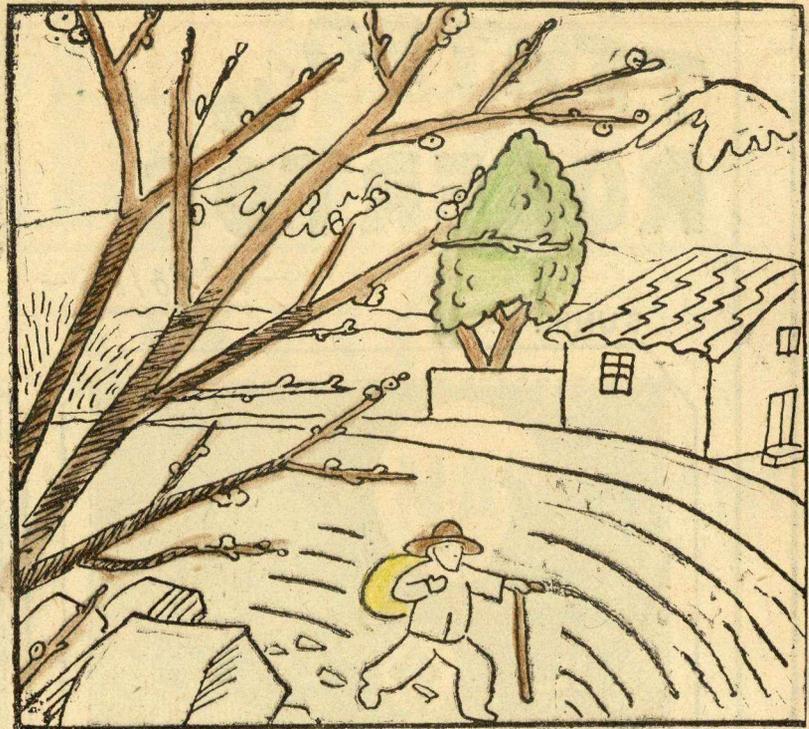
Aujocarfer, Dália de Jesus, Fernandes, Zé Guinoro... 87 (totalidade).

### SUB-CAMPIÃO

Zeuzinho . . . . . 86

Prêmios — Publicação da fotografia no Quadro de Honra e outros a mencionar.

**Nota** — O prémio que, além da publicação da fotografia, era destinado ao primeiro classificado, tem de ser sorteado em virtude de haver mais do que um campeão.



## DECIFRADORES DE MAIS DE 50%

(Exceptuando os já mencionados)

Zé Gaspar, 85; Lilicas, 79; Barba Azul, Dois Manos, Noémia, 78; Um decifrador, 76; Ariêvilo, 74; Béu, Lucas, 72; Romualdo Teles Santos, 68; Zeca 61; Afredo Matos, 54; António Freire, Chalet d'Ossos, 51.

Prémio — Publicação da fotografia no Quadro de Honra.

## OUTROS DECIFRADORES

(Com menos de 50%)

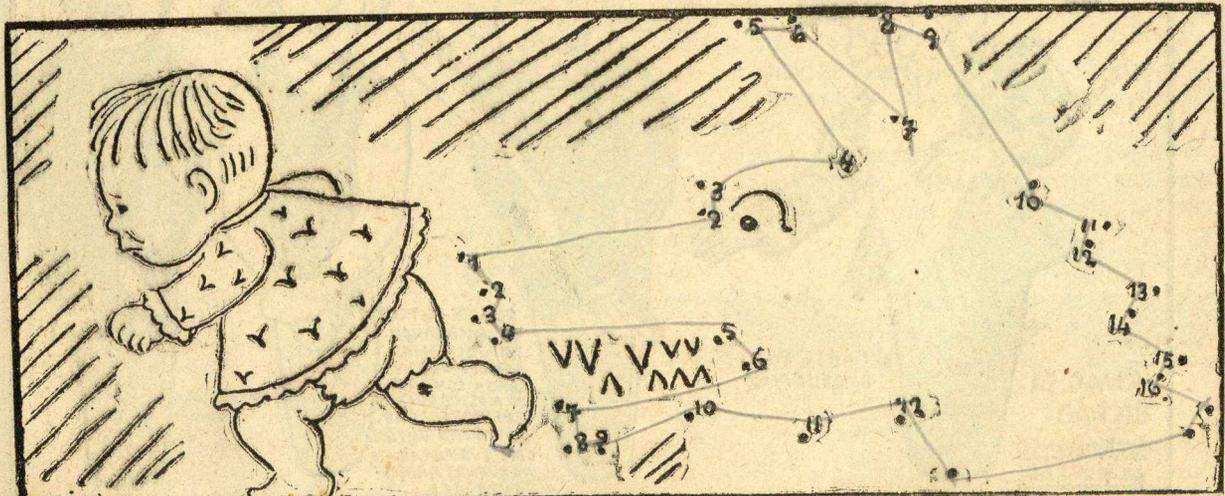
Zé Quitolas, 40; J. Atirbac, 35; Zarb, 50; Efi, 28; Maria do Mar, 25; Fernando R. Cunha, 22; Rei da Graxa, Sir Mistério, 21; John Biffe, 19; Otavarg, Sobrac Sier, 18; John Biffe, 19; D. Rufa, Maria Dulce Cabral, 15; Abílio, El Estudante, Leonel F. Pias, Sir Fantasma, Zé Domba, 10; Kin-Fo, 8; Fanforrinha, Mister X, 7; Fono, 6; Afonso L. Portugal, 4; Artur Melo Cabral Manoel José F. Rocha, Um apologista d'«O Século», 3.

**Nota** — Por lapso, não incluímos no Quadro de Honra, referente aos resultados do n.º 12, a concorrente Dália de Jesus. Contudo esse número foi-lhe contado, como se pode verificar, na classificação final.

## AVISO

Todos os concorrentes que tenham direito à publicação da fotografia, devem enviá-la, o mais depressa possível, para podermos proceder muito breve, à realização e publicação do Quadro de Honra.

A D I V I N H A



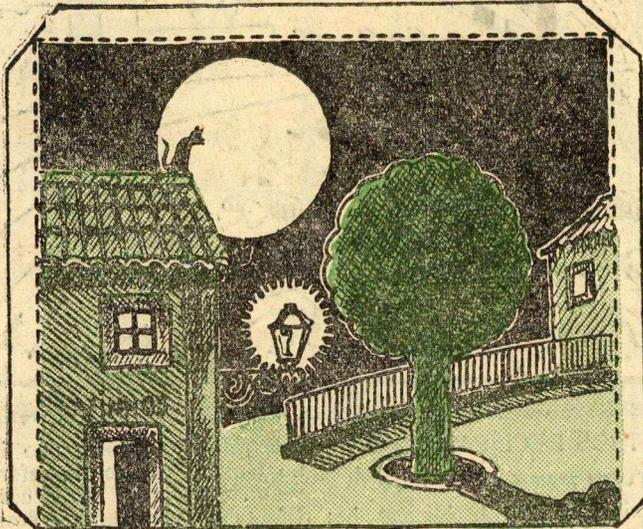
Querem saber porque foge este menino? Unam as duas series de pontos numerados, tracejando-os pela respectiva ordem

# TEATRO do ROBERTOS

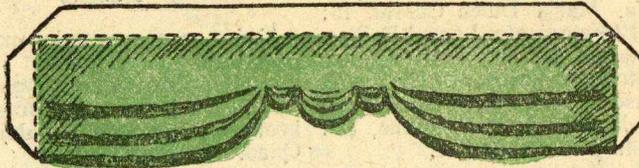
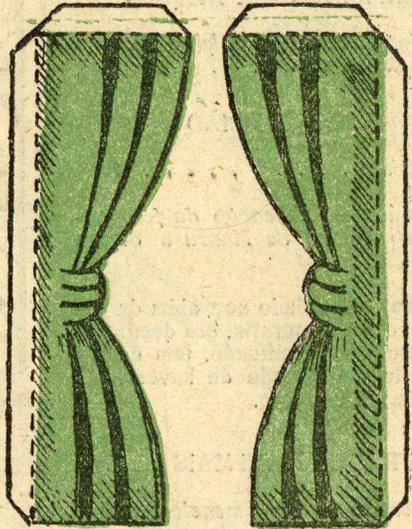


- 2ª folha -

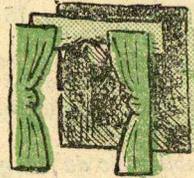
FUNDO



CORTINAS



COMO FICAM  
DISPOSTAS  
ESTAS  
PEÇAS



« PERSONAGENS »

COLA ESTAS  
FIGURAS EM  
CARTÃO  
GROSSO



ANÃO SA-  
BICHÃO  
QUE ANUNCIA  
OS NÚMEROS

← PARTE POR  
ONDE SE PEGA



POR NOS FALTAR  
O ESPAÇO SOMEN-  
TE PUBLICAMOS  
ESTES « PERSONA-  
GENS ». CONTUDO  
OS NOSSOS LEITO-  
RES PODERÃO AR-  
QUITETAR OUTROS  
COM QUE FARÃO ATÉ  
PEQUENAS APLI-  
CATAÇÕES.



985. Amélio Fabrada